

O PROCESSO DE ABREVIÇÃO EM SALAS DE BATE-PAPO: REGULARIDADES E FATORES QUE CONDICIONAM SEU USO

Carla Jeanny FUSCA¹

RESUMO: O crescente uso da tecnologia digital por parte de crianças e adolescentes tem sido alvo de preocupação entre especialistas e não especialistas em linguagem. Cada vez mais, jovens passam grande parte do dia em frente à tela do computador: priorizam longas conversas via “bate-papos” digitais, em detrimento do contato mediante presença física. Relacionar-se passou a ser sinônimo de *conectar-se* (BAUMAN, 2004). Nossa proposta é discutir um dos aspectos dessa prática de escrita: o processo de abreviação. Propomos que nos afastemos de uma visão prescritiva sobre a língua e analisemos esse processo (e, por extensão, a prática de escrita que se dá em salas de bate-papo) de um ponto de vista lingüístico-discursivo. Considerando alguns aspectos do *gênero de discurso* (BAKHTIN, 1997) em questão, pode-se melhor compreender o uso freqüente de abreviaturas, por parte dos usuários de bate-papos virtuais. Esse é o nosso objetivo: buscar compreender por meio de que processos lingüísticos como as abreviaturas são formadas e elaborar hipóteses a respeito de fatores que podem condicionar a emergência de uma escrita abreviada.

PALAVRAS-CHAVE: heterogeneidade; escrita; abreviação; bate-papo virtual; internet.

Linguagem e preconceito

Segundo Gnerre (1998), a linguagem não é usada somente para veicular informação; ela não se resume a mero instrumento de comunicação. A linguagem é constitutiva do homem e, além de transmitir mensagens, comunica ao ouvinte a posição que o falante, de fato, ocupa ou pensa que ocupa na sociedade em que vive. O historiador ressalta, fundamentado no sociólogo Pierre Bourdieu, que as pessoas falam para serem “ouvidas”, respeitadas e para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos lingüísticos. No entanto, nem todos os integrantes de uma sociedade têm acesso a todas as variedades e a todos os conteúdos referenciais. A língua padrão, por exemplo, consiste em um sistema de comunicação ao alcance de apenas uma parcela

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (nível Mestrado). Trabalho orientado pela Profa. Dra. Fabiana Komesu e pela Profa. Dra. Luciani Ester Tenani, ambas do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários da UNESP/IBILCE. Rua Cristóvão Colombo, 2265, Jardim Nazareth. CEP: 15054-000. São José do Rio Preto (SP) – Brasil. (carlajeanny@yahoo.com.br)

dos integrantes de uma comunidade. Esse é um dos motivos pelo qual ela é um sistema freqüentemente associado a um patrimônio cultural (GNERRE, 1998).

De fato, a língua está relacionada a determinados valores sociais, o que significa que a valoração lingüística baseia-se na valoração social. E se o modelo de língua comumente ensinado pela escola está calcado nas escolhas lingüísticas de camadas de maior prestígio social, não surpreende que uma prática de escrita como a desenvolvida em ambiente digital seja tão discriminada. O distanciamento da escrita apregoada pela escola daquela vista em ambiente digital faz com que essa última seja combatida, tanto por professores de português quanto pela mídia, de maneira geral.

Não é difícil encontrar críticas ao chamado “internetês” nos meios de comunicação, críticas essas que normalmente estão relacionadas a aspectos formais dessa escrita, aparentemente tão distante da escrita convencional. Mas, além da disseminação, por parte da mídia, de opiniões pouco científicas do ponto de vista lingüístico, é possível encontrar idéias preconceituosas a respeito, inclusive, dos que utilizam a escrita digital.

Um exemplo: na página eletrônica do Jornal Nacional,² um dos noticiários de maior audiência da televisão brasileira aberta, foi publicada uma reportagem (“Balões ameaçam segurança de vôos”), no dia 30 de junho de 2008 – reportagem também apresentada no programa televisivo –, na qual os que se utilizam da escrita digital foram diretamente relacionados a criminosos. A notícia faz referência a uma atividade bastante comum no mês de junho: soltar balões. Segundo a reportagem, um grupo de baloeiros mantinha uma página em um *site* de relacionamentos, no qual organizavam seus encontros e comemoravam o sucesso da prática ilícita “em um texto cheio de erros”, do ponto de vista da norma culta padrão. O mais interessante é que, na reportagem exibida

² Disponível em: <http://jornalnacional.globo.com/>. Acesso em: 30 de jun. de 2008.

na televisão, os “erros” textuais foram exibidos, mas, na notícia divulgada pelo *site*, esses mesmos “erros” foram “corrigidos” pelo redator. Percebemos, assim, que os chamados “erros” de ortografia da língua portuguesa, praticados na internet, não poderiam, na visão do telejornal, ser disseminados pela instituição que os critica de maneira pública.

No caso da reportagem divulgada no *site* do Jornal Nacional fica clara a vinculação da escrita padrão a determinados valores, como os de civilidade, cultura e educação. Os baloeiros, adeptos de uma prática reconhecidamente ilícita na sociedade, só poderiam, portanto, na visão da instituição jornalística, fazer uso de uma escrita alheia àquela apregoada pela escola, o que indiciaria, conseqüentemente, o afastamento desses sujeitos dos “bons” valores que implicam o domínio da variedade “cultura” ou padrão.

Também são freqüentes, na mídia, afirmações como as de que a escrita na internet vem modificando a Língua Portuguesa. De fato, o português, tal como ensinado na escola, não encontra lugar em salas de bate-papo informal. Mas acreditamos³ que a causa dessa diferença não se justifique apenas por meio do argumento da mudança lingüística. Na internet, o que, de fato, muda é a relação tanto entre escrevente e leitor quanto entre escrevente e língua. O caderno deixa de ser o suporte para o material gráfico e a sala de aula dá lugar a um ambiente mais informal e menos prescritivo.

Para que as abreviaturas, a ausência ou o excesso de pontuação e os *emoticons* (“carinhas”) deixem de ser repudiados é preciso considerar o *gênero de discurso* (BAKHTIN, 1997) no qual essa prática de escrita emerge. Aliado ao gênero, a relação entre escrevente e o “outro” e entre escrevente e língua também parece condicionar o

³ É importante esclarecer que as reflexões apresentadas neste trabalho estão vinculadas às discussões e às propostas do grupo de estudos PrOL (Projeto Oralidade e Letramento: o estudo da escrita no contexto da tecnologia digital), coordenado pela Profa. Dra. Fabiana Komesu, do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários da UNESP de São José do Rio Preto.

tipo e o conteúdo dos enunciados observados em ambiente digital. É a relação estabelecida entre os escreventes nesse ambiente digital que discutiremos no próximo tópico.

As salas de bate-papo e a interação entre os sujeitos

As salas de bate-papo abertas consistem em endereços eletrônicos disponíveis na *World Wide Web* (WWW), aos quais podem ter acesso qualquer indivíduo conectado à internet. Esse tipo de página eletrônica é destinado à conversação em tempo real e pode ser acessado por meio de provedores de internet, os quais oferecem, gratuitamente (embora, em alguns casos, o acesso gratuito seja restrito a determinado número de usuários), a opção “bate-papo”. Em geral, a capacidade máxima de salas de bate-papo abertas é de 50 (cinquenta) usuários.

Na página do provedor de internet, ao selecionar “bate-papo”, o usuário tem acesso a outra página na qual é possível optar por um grupo para a “conversação” de acordo com interesses pessoais. As salas de bate-papo abertas são distintas por títulos, propostos pelo provedor. É por meio desses títulos que o usuário realiza sua escolha: por *idade*, *cidades* ou *temas*.

É interessante observar que a escolha da sala de bate-papo a qual se quer ter acesso não é realizada de maneira aleatória. Ao analisar as opções dadas pelo provedor, o usuário leva em consideração interesses pessoais e intenções comunicativas relacionadas à atividade verbal em questão. Por exemplo, se o usuário quer entrar em contato com outras pessoas que habitam a mesma região na qual ele se encontra, possivelmente, deve optar por um bate-papo em salas separadas por “cidades”; mas se ele procura alguém com a mesma idade, ou, ainda, com idade superior ou inferior à dele, deve acessar as salas separadas por “idade”.

Após optar por uma das salas, o usuário precisa informar seu apelido ou pseudônimo (*nickname*). A escolha dos apelidos faz-se importante, uma vez que contribui para a preservação da identidade dos usuários, garantindo o anonimato, além de sugerir características físicas e/ou pessoais do escrevente, produzindo identificação ou repulsa por parte dos demais participantes do bate-papo. Nesse sentido, o usuário cria um apelido de acordo, também, com intenções pessoais e comunicativas, sendo essa escolha um indício do tipo de papel que desempenhará na comunidade virtual selecionada. É o que fica claro no exemplo abaixo:

(04:30:09) **gatinho_sem_gata** *fala para AnNy*: me add ai gatinha

Observa-se que o apelido escolhido pelo usuário **gatinho_sem_gata** contribui para que os demais participantes construam hipóteses acerca de um *querer dizer* do usuário em questão. Por meio do apelido, pode-se pensar que o usuário, supostamente: i) é do sexo masculino; ii) é solteiro; iii) se considera bonito/sedutor (“gatinho”); iv) deseja “conversar” com alguém do sexo feminino, que também se considere bonita (“gata”) e que, preferencialmente, procure um parceiro.

Se, por meio do apelido exposto, é possível prever o papel que será desempenhado por determinado usuário durante o bate-papo virtual, pode-se afirmar que esse apelido indicia, também, o *conteúdo temático* dos enunciados a serem produzidos na atividade. Ora, no caso do usuário **gatinho_sem_gata** podemos supor que o conteúdo temático de seus enunciados estará relacionado ao desejo de encontrar, de conhecer alguém do sexo feminino que queira “conversar” sobre a possibilidade de um relacionamento, mesmo que esse se restrinja ao ambiente digital. Os participantes, portanto, conscientemente ou não, constroem as primeiras projeções de imagens acerca

do outro (ou dos outros) ao entrar em contato com o apelido apresentado, sendo essas projeções determinantes no momento da escolha de possíveis interlocutores.

Em salas de bate-papo abertas, o usuário pode se comunicar com quantos participantes quiser: basta que ele selecione com um clique o apelido daquele com quem quer interagir – e, nesse ponto, a identificação ou a repulsa entre os usuários dá-se por meio da imagem suscitada pelos apelidos. O usuário também pode selecionar a opção “Todos”, quando o intuito é enviar um enunciado para que todos os participantes da sala leiam e comentem o texto. Ainda não é possível, em nível tecnológico, porém, selecionar mais de um participante de maneira simultânea, o que impede que um mesmo enunciado seja dirigido a participantes distintos ao mesmo tempo. Dessa forma, ou o usuário destina o enunciado para um único parceiro, ou o destina para todos os participantes do bate-papo.

O fato de não ser possível que o escrevente eleja mais de um interlocutor *de maneira simultânea* para a interação digital poderia contribuir para o entabulamento de longas “conversas” com um interlocutor específico; no entanto, não é o que ocorre. Ao contrário do que se poderia pensar, essa “limitação” imposta pelo suporte não impede que os escreventes se comuniquem com quantos queiram – basta que eles selecionem, rapidamente, um interlocutor por vez.

Como a quantidade de escreventes que entram e saem de salas de bate-papo é relativamente grande, é comum que os participantes sintam-se inseguros, já que seu(s) interlocutor(es) pode(m) sair da sala a qualquer momento. Esse é um dos fatores que contribui para a emergência do processo de abreviação gráfica, muito comum na internet. Para aumentar a rede de relacionamentos, os participantes necessitam economizar tempo, garantindo, assim, o sucesso da interação, isto é, a participação do outro no diálogo. *A solução é, então, abreviar(-se).*

Segundo Crystal (2005), a internet consiste em uma “associação de redes de computador compartilhando os mesmos padrões” (CRYSTAL, 2005, p.77). Observemos que o vocábulo “rede” determina não apenas o suporte, mas também o tipo de relação estabelecida mediante o suporte. No domínio dos estudos sociológicos, Bauman (2004) observa que, cada vez mais, as pessoas falam em “conectar-se” em vez de “relacionar-se”. Preferem falar em “redes”, não mais em parceiros, pois, diferentemente de “relações”, “parentescos” e “parcerias” – que exigem engajamento mútuo – uma rede serve de matriz tanto para “conectar” quanto para “desconectar” (é o que ocorre, por exemplo, em salas de bate-papo abertas). Diferentemente dos “relacionamentos reais”, é fácil entrar e sair de “relacionamentos virtuais” (BAUMAN, 2004). Já que os compromissos tornam-se irrelevantes, as pessoas tendem a substituir as parcerias pelas redes. Estabelecer-se fica, então, mais difícil do que antes, visto que se perde em qualidade para se ganhar em velocidade (BAUMAN, 2004).

É nesse contexto que surgem as abreviaturas. Se é necessário ser veloz para relacionar-se com o “outro” na internet, é preciso abreviar. As reduções gráficas consistem, portanto, em importantes indícios de como se dão os relacionamentos em rede. Mais do que mero “corte” de palavras, abreviar é aproximar o interlocutor do bate-papo, separado de seu parceiro – e, simultaneamente, vinculado a ele – pela tela do computador.

Consideramos que as salas de bate-papo abertas consistem em um *gênero de discurso* em emergência. Conforme Bakhtin (1997), um *gênero de discurso* é formado por um conjunto de enunciados, *relativamente estáveis*, nos quais se integram, de modo característico, *construção composicional*, *conteúdo temático* e *estilo*. Ao adotar o conceito bakhtiniano de gênero de discurso, assumimos que os efeitos de sentido

produzidos na enunciação não residem no texto (pelo menos não apenas nele), mas na *dinamicidade* da relação do enunciador com o enunciatário e com o próprio enunciado.

Em relação ao conteúdo temático, ou seja, à natureza dos temas propostos em salas de bate-papo abertas, observamos que a conversação dificilmente extrapola os limites da apresentação entre os usuários. É comum, em salas de bate-papo abertas, que se pergunte a respeito da idade, do local de residência, da ocupação e do tipo físico dos usuários. Geralmente, quando esses tópicos se esgotam, ocorre a troca de interlocutor e o início de outra interação com os mesmos assuntos – até que esses se esgotem e se faça, novamente, a mudança de interlocutor.

Acreditamos que esse seja um importante fator que contribui para a determinação da própria estrutura composicional dos enunciados produzidos em salas digitais. No âmbito dos aspectos textuais e formais, portanto, a constante repetição de enunciados *já ditos* corrobora o surgimento de constantes abreviaturas – fenômeno de nosso interesse. Como enunciador e enunciatário mantêm constante diálogo com enunciados já ditos naquele ambiente, não é necessário “dizer” tudo. O reconhecimento do diálogo com dizeres já ditos torna-se primordial, nesse sentido, para o surgimento e a compreensão dos enunciados (abreviados) que nessa prática de escrita irão (voltar a) emergir.

É preciso salientar, no entanto, que a abreviação gráfica consiste em apenas um dos processos que caracterizam a estrutura composicional da conversação em *chats* – aqui ressaltada por ser esse o foco deste trabalho.

Por fim, com relação ao estilo, Bakhtin (1997) afirma que esse está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às suas formas típicas. Assim, “o vínculo indissolúvel, orgânico, entre o estilo e o gênero mostra-se com grande clareza quando se trata de um estilo lingüístico ou funcional” (BAKHTIN, 1997, p.283). Em ambiente digital, exige-se

velocidade nas interações, somente assim é possível interagir com muitos, sem correr o risco de que sua “rede” de relacionamentos seja enfraquecida. É preciso, pois, abreviar. A abreviação parece ser um dos processos que caracterizam fortemente o estilo da escrita em *chats* freqüentados por adolescentes. E não apenas a abreviação gráfica, mas também a abreviação de temas – ou seja, de conteúdo temático, uma vez que ocorre constante repetição de dizeres já ditos – e, ainda, a abreviação de distâncias (marcada na/pela linguagem, por meio da abreviação gráfica).

Como enunciador e enunciatário encontram-se separados espacialmente, a abreviação gráfica surge como um recurso importante para que se produza um ambiente familiar, informal. Mais do que mera redução na grafia dos vocábulos, a abreviação, na internet, consiste em um importante indício da relação estabelecida entre enunciador, enunciatário e enunciado.

Regularidade na heterogeneidade

Para este trabalho, foram analisadas duas “conversas” coletadas, em novembro de 2006, em salas de bate-papo abertas, freqüentadas por jovens que supostamente têm entre 10 e 15 anos. Essas “conversas” têm, aproximadamente, 20 (vinte) minutos cada uma, e foram realizadas em salas de bate-papo do provedor UOL (*Universo On-Line*) – um dos provedores de internet mais acessados no Brasil. A hipótese que norteou a escolha da faixa etária foi a de que jovens entre 10 e 15 anos possivelmente sentem-se mais “livres” para escrever em ambiente digital e afastam-se, mais notavelmente, da prática de escrita preconizada pela escola tradicional.

Para analisar esses dados de escrita, provenientes do contexto digital, assumimos uma concepção de escrita alheia àquela adotada por autores que defendem uma distinção entre as modalidades falada e escrita (cf. CHAFE, 1985) e daqueles que,

embora busquem contemporizar a relação entre essas modalidades da língua, acabam tomando-as como dicotômicas, ao inseri-las nos extremos de um *continuum* de diferenças (Cf. MARCUSCHI, 2001).

Nosso objetivo no estudo dos textos de salas de bate-papo é restituir a *complexidade enunciativa* da qual esses textos são (e)feitos. Propomos, então, um *modo heterogêneo de constituição da escrita* (CORRÊA, 2004), uma vez que o ato de escrever, conforme Corrêa (2004), é sempre produto do trânsito do sujeito escrevente por práticas sociais *orais/faladas e letradas/escritas*. O encontro dessas práticas, segundo o autor, caracteriza a heterogeneidade *da* escrita (e não a heterogeneidade *na* escrita). A heterogeneidade é vista, dessa forma, como constitutiva da escrita e não como algo exterior que nela se marcaria, como uma característica pontual e acessória. Ao mesmo tempo em que a relação entre o falado e o escrito deixa de ser vista como mera interferência, o que traria implícita a noção de pureza dessas duas modalidades, a heterogeneidade constitutiva da escrita é explicada pela relação que o sujeito mantém com a linguagem, em suas diferentes modalidades. Sendo assim, para Corrêa (2004), a consideração desse modo heterogêneo pode ser útil na tentativa de evitar o preconceito comum com que se tomam algumas produções escritas como menos integradas a um modelo abstrato de “boa escrita”.

A contribuição dessa concepção de *modo heterogêneo de constituição da escrita* aos estudos sobre a linguagem na internet reside no fato de que o interesse deixa de ser focado exclusivamente no material lingüístico e passa a ser, também, o da *dialogia* dos escreventes com o *já falado/escrito* e *ouvido/lido* no processo de escrita na internet.

Analisando o conjunto de dados coletados, observamos que a formação das abreviaturas é regida por regularidades lingüísticas distintas, predominando algumas delas para determinadas reduções gráficas. Dessa forma, compreendemos que a maneira

mais eficaz de agrupá-las seria de acordo com aquela regularidade que mais fortemente contribuisse para a formação de cada uma delas. Em outras palavras, uma mesma abreviatura pode apresentar mais de uma regularidade formadora, no entanto, a regularidade mais saliente é que determinou, durante a análise, a categoria na qual a abreviatura foi enquadrada.

Levando-se em consideração, portanto, esse critério de classificação das abreviaturas, chegou-se a um total de quatro categorias, sendo que o número de abreviaturas que compõem cada uma delas difere significativamente.

Exemplos de abreviaturas que compõem a primeira categoria são apresentados na tabela abaixo:

Tipo (1)	Abreviaturas
Primeiro grafema de cada sílaba	<ul style="list-style-type: none"> • tc → teclar • vc → você • q → que • d → de • kd → cadê • t → te • tbm → também • blz → beleza

Tabela 1. Exemplos de abreviaturas do tipo 1, encontradas no material já coletado.

Como demonstra a tabela acima, as abreviaturas do tipo (1) são formadas, essencialmente, pelo primeiro grafema de cada sílaba do vocábulo. Dessa forma, um enunciado como “kd vc?” (cadê você?), comumente encontrado em salas de bate-papo virtual, é constituído por duas abreviaturas cuja regularidade formadora é a mesma: o primeiro grafema das duas sílabas que formam os dois vocábulos em questão contribuem para a compreensão do enunciado por parte do leitor. No momento da leitura, é mais fácil para o leitor inferir as vogais que constituem a sílaba do que as consoantes – uma vez que o número de vogais é menor do que o de consoantes.

Esse fato, dentre outros que vamos expor, comprova que o processo de abreviação, na internet, não consiste em mero corte de palavras (aliás, essa é uma das idéias apregoadas no senso comum). Em salas de bate-papo, a abreviação é resultado da consideração de aspectos importantes do contexto de produção dos discursos. O escrevente – mesmo que inconscientemente – parece reconhecer a importância do *outro* na “conversação”, por esse motivo, ao abreviar, o faz de maneira que a compreensão do enunciado não fique comprometida. Além do interlocutor, o escrevente considera a circulação de enunciados *já ditos* e, conseqüentemente, abrevia, indiciando a tentativa de não deixar que o *já dito* seja sinônimo de redundância.

Observamos, ainda, que algumas abreviaturas do tipo (1) trazem informações adicionais para o leitor, como marcação de plural – é o caso de *vc* (você), que admite plural, *vcs* (vocês) – e marcação de nasalidade – *tbm* (também). No caso da marcação de nasalidade, nota-se que essa não ocorre na primeira sílaba do vocábulo, embora haja, nessa posição, uma consoante nasal (“também”). Esse fato nos levar a crer que o escrevente reconhece, de alguma forma, que a sílaba tônica – no caso, a segunda – é a sílaba na qual a nasalidade é mais saliente, o que explica a presença da consoante nasal “m” na posição final da abreviatura e sua ausência na sílaba inicial do vocábulo.

Ainda com relação às abreviaturas do tipo (1), observamos que, por vezes, o nome da letra traz pistas a respeito do vocábulo em questão. É o que ocorre com abreviaturas como *d* (de), *q* (que) e *kd* (cadê). Neste último exemplo, as duas sílabas que constituem o vocábulo foram substituídas por duas consoantes com nome idêntico ao som da sílaba toda.

As abreviaturas constituídas por essa primeira regularidade permitem observar a circulação dialógica do escrevente pelo primeiro dos três eixos propostos por Corrêa (2004): *o eixo do imaginário sobre a gênese da escrita*. Acerca desse primeiro eixo,

Corrêa demonstra a tentativa de os escreventes representarem o planejamento conversacional e o jogo argumentativo prosodicamente marcado. Para o autor, em alguns momentos, o escrevente, durante o processo de escritura, lança mão de hipóteses sobre a (sua) escrita, levando em consideração a imagem que ele tem da modalidade oral. Essa circulação dialógica pode ser percebida em algumas “marcas” textuais, por exemplo, a pontuação.

Observamos a circulação do escrevente de bate-papos por esse eixo quando esse utiliza o primeiro grafema de cada sílaba para compor a abreviatura, processo que pode ser comparado à hipótese silábica – hipótese utilizada por crianças em fase de alfabetização. Sob orientação dessa hipótese, a qual consiste na suposição de que para cada sílaba da cadeia sonora devemos fazer corresponder um signo escrito, emergem as abreviaturas do tipo (1): o vocábulo “beleza”, por exemplo, converte-se em “blz”. A abreviatura é, pois, formada pela união dos três grafemas iniciais de cada sílaba.

Se, por um lado, a constituição das abreviaturas do tipo (1) pode evidenciar a circulação do escrevente por práticas orais/faladas – uma vez que ele leva em consideração a hipótese silábica para formar as abreviaturas dessa categoria – é possível observar, ainda, a vinculação dessas mesmas abreviaturas a práticas letradas/escritas. Essa vinculação se deve ao fato de que, no momento da leitura do texto escrito na internet, as abreviaturas dissolvem-se e dão lugar aos vocábulos originais. Assim, a abreviatura “blz” é lida como “beleza” e não como “be, ele, ze”, letra por letra. Ora, se o escrevente escrevesse como fala, seria natural que, no momento da decodificação, as abreviaturas fossem lidas da mesma maneira como foram codificadas – o que não ocorre. Essa inter-relação entre práticas orais/faladas e letradas/escritas indicia a *heterogeneidade da escrita* – não somente da escrita em meio digital.

Vale recordar, aqui, a observação feita anteriormente acerca da abreviação de distâncias. Como escrevente e leitor dividem o mesmo tempo no processo de interação, mas não o mesmo espaço – o qual, em salas de bate-papo abertas, é digital –, abreviaturas como “vc”, além da economia de tempo, promovem abreviação de distâncias, tornando o bate-papo mais informal, próximo e íntimo. Assemelhando-se ao processo de redução que ocorre com nomes próprios (“Natália” converte-se em “Na”, “Beatriz”, em “Bê”, e assim por diante), a abreviatura “vc” denota proximidade e informalidade.

No conto “A terceira margem do rio”, do livro *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa, é possível observar, em um diálogo entre marido e mulher, como a linguagem – e, mais especificamente, o processo de abreviação – pode indiciar a relação estabelecida entre os sujeitos da comunicação. No conto em questão, o pai do narrador (em primeira pessoa) decide construir uma canoa e nela partir para “nenhuma parte”, conforme afirma o próprio narrador. Antes de partir, no entanto, ouviu da esposa as seguintes palavras: “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!”. Nesse enunciado prevê-se o distanciamento entre marido e mulher que ocorre após a partida da personagem masculina. Esse distanciamento é expresso na/pela linguagem. Há uma gradação no pronome de tratamento “você” que vai da sua redução a uma sílaba até a sua transcrição total (“cê” → “ocê” → “você”). Dessa forma, o escritor expressa o distanciamento físico entre o casal de forma gráfica.

Inversamente, o mesmo processo é observado em salas de bate-papo virtual. Em outras palavras, a necessidade de aproximação física do outro em ambiente digital é expressa na grafia dos vocábulos, mais especificamente, do pronome de tratamento “você” (vc).

No caso do verbo “teclar”, abreviado como “tc”, nota-se que *a redundância de dizer a ação que está em processo de andamento manifesta-se na/pela linguagem*. Dizer “tc” implica realizar o ato que está em questão, porque o proferimento de certas palavras é uma das ocorrências na realização de um ato, cuja realização é, também, alvo do proferimento (AUSTIN, 1990). Assim sendo, perguntar “vm tc?” (“vamos teclar?”) não é somente indagar o interlocutor acerca de seu interesse pelo locutor do enunciado. Nesse caso, perguntar é também realizar o ato de “teclar”.

Partimos, agora, para a observação das abreviaturas de tipo (2). A seguir, apresentamos a tabela que contém exemplos de abreviaturas dessa segunda categoria:

Tipo (2)	Abreviaturas
Modo de enunciação oral/falado	<ul style="list-style-type: none"> • taum → estão • long → longe • ond → onde • bele → beleza

Tabela 2. Exemplos de abreviaturas do tipo (2), encontradas no material coletado.

Nessa categoria enquadram-se as abreviaturas formadas, basicamente, pela consideração de realizações tidas como pertencentes ao modo de enunciação oral/falado. Dessa maneira, podemos dizer que, *neste caso*, há uma tentativa de transcrição da fala, observando-se, novamente, a circulação dialógica dos escreventes pelo *eixo do imaginário sobre a gênese da escrita* (CORRÊA, 2004).

É o que ocorre com o verbo “estar”, o mais freqüentemente abreviado. Conjugado na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo (“estão”), o verbo “estar”, na oralidade/fala, perde a primeira sílaba e recebe marca de nasalidade decorrente da sílaba final, terminada em “-ão”. Assim, na internet, “estão” torna-se “taum”, uma vez que o escrevente reconhece a nasalidade da última sílaba – a qual recai, principalmente, na vogal “a”, nasalizada – e o alçamento da vogal “o” – a qual é convertida em “u”.

No caso dos vocábulos “onde” e “longe”, os quais perdem a vogal que ocupa a posição de núcleo da última sílaba (“ond”; “long”), nota-se que o escrevente reconhece que, no modo de enunciação oral/falado, ocorre apagamento da vogal final dos vocábulos em questão. Esse apagamento só é possível devido a uma propriedade da sílaba. No português brasileiro, duas consoantes podem ocupar a posição de coda silábica, contanto que a primeira delas seja uma nasal – ou, raramente, /r/ (*perspectiva*) ou /l/ (*solstício*) – e a segunda, uma fricativa /S/ (COLLISCHONN, 2006, p.38). Ocorre que a sílaba final de “onde”, no dialeto paulista, é africada ([õdʒ]), e a de “longe”, fricativa ([lõʒ]), o que faz com que tenham características semelhantes à fricativa /S/. Devido a essa semelhança, ocorre um processo de ressilabificação, por meio do qual a fricativa e a africada migram para a sílaba anterior.

É possível observar, nessa categoria, a tentativa do escrevente de transposição do modo de enunciação oral/falado para a prática de escrita digital. A abreviatura “bele” (beleza) também exemplifica essa tentativa. Essa é uma redução comumente percebida, principalmente, na fala de jovens. Notamos, dessa forma, que a abreviação é um processo utilizado não apenas em textos escritos, mas também em textos falados. Essa constatação nos leva a recusar a idéia de que a escrita digital se afastaria da Língua Portuguesa por causa da abreviação – idéia apregoada no senso comum. Abreviar é um processo reconhecido e referendado por gramáticas e manuais de redação. O que, na verdade, provoca certo estranhamento por parte dos que condenam a prática de escrita na internet é a quantidade de abreviaturas que aparecem nas interações.

No entanto, como mencionado, as abreviaturas não consistem meramente em idiossincrasia. Elas expressam o tipo de relação entre enunciador – enunciatário – enunciado. Se, por um lado, elas são a manifestação do desejo de abreviar distâncias –

as físicas impostas pelo suporte –, também expressam a maneira como os enunciados *já ditos* são postos em cena.

A partir do enunciado “repita ai o ki vc falou” (“repita aí o que você falou”), extraído do material coletado, podemos observar a formação da abreviatura “ki” (que), resultado de outro processo formador. Caracterizam-se pela simplificação de grafia do vocábulo original as abreviaturas do tipo (3). A seguir, mais exemplos de abreviaturas dessa categoria:

Tipo (3)	Abreviaturas
Simplificação de grafia	<ul style="list-style-type: none">• aki → aqui• xau → tchau• ki → que

Tabela 3. Exemplos de abreviaturas do tipo (3), encontradas no material coletado.

De maneira geral, nas abreviaturas do tipo (3) notam-se simplificações ortográficas, principalmente de dígrafos. É o caso da abreviatura “aki” (aqui), na qual o dígrafo “qu” é substituído por um único grafema. Neste caso, há correspondência de som entre o grafema e o dígrafo. No entanto, essa correspondência nem sempre se dá, como no caso da abreviatura “xau”, para “tchau” – o que não impede que o enunciado seja compreendido.

Em “xau”, além da substituição do dígrafo (“ch”) por um único grafema, de valor sonoro idêntico ao do dígrafo, ocorre o apagamento da consoante “t”, já que o escrevente reconhece que a seqüência “tx” é *ortograficamente* estranha, no que se refere à composição das sílabas em português. O escrevente opera, portanto, não apenas com seus conhecimentos fonéticos acerca da língua, mas também com regras ortográficas internalizadas para identificar seqüências “estranhas” à Língua Portuguesa.

Esse trabalho de reconhecimento de seqüências “estranhas” demonstra a vinculação do escrevente a práticas letradas/escritas da língua, uma vez que ele não efetua substituições e omissões de grafemas de maneira aleatória. No entanto, ao escrever “xau”, o escrevente também deixa indícios de sua circulação dialógica pelo eixo da gênese da escrita, ao reconhecer que o som expresso pelo dígrafo é idêntico ao expresso pelo “x”. Ao optar por não seguir a ortografia do português, fica claro que o escrevente também leva em consideração a oralidade/fala na formação das abreviaturas. Novamente, a vinculação das abreviaturas tanto a práticas letradas quanto a práticas orais é indício do *modo heterogêneo de constituição da escrita*.

É importante reafirmar que nenhuma abreviatura constitui-se exclusivamente por um único processo. Como vimos anteriormente, as abreviaturas formadas por simplificações gráficas também podem sofrer modificações baseadas na modalidade oral/falada praticada pelo escrevente – o mesmo ocorre com as abreviaturas das outras categorias. Longe de propor categorias estanques e homogêneas, tencionamos demonstrar as regularidades que constituem as abreviaturas, bem como as que contribuem mais fortemente para a formação de cada uma delas.

O tipo (4), por fim, é composto por apenas uma abreviatura, encontrada, por exemplo, no seguinte enunciado: “num vai me add não?”. Neste caso, notamos que um termo de origem inglesa, “add”, substitui um vocábulo em português (“adicionar”). O tipo (4), portanto, refere-se a abreviaturas “emprestadas” de outras línguas, como apresentado na tabela abaixo:

Tipo (4)	Abreviatura
Empréstimo	<ul style="list-style-type: none"> • ADD (adicionar)

Tabela 4. Exemplo de abreviatura do tipo (4), encontrada no material coletado.

O verbo *to add*, do inglês, significa “adicionar”, em português, conforme comentado. Neste caso, não há supressão de grafemas no vocábulo original, porém, *add* funciona como abreviatura do verbo “adicionar”, visto que, no processo de leitura, os usuários do bate-papo não costumam ler a palavra original, em inglês, mas seu equivalente em português. Assim, consideramos *add* como abreviatura para o vocábulo “adicionar”, uma vez que o substituí.

Essa abreviatura do tipo (4) nos permite observar a circulação do escrevente pelo segundo eixo proposto por Corrêa (2004): o da *representação do código escrito institucionalizado*. Ao utilizar um vocábulo em língua inglesa, o escrevente demonstra sua forte vinculação com práticas letradas/escritas, uma vez que domina a grafia do vocábulo de origem estrangeira, bem como seu correspondente em português. Somente assim o efeito de sentido será o almejado, ou seja, o vocábulo *add* será lido como “adicionar”.

Por fim, levando-se em consideração a escrita das salas de bate-papo, de maneira geral, é possível fazer relações com o terceiro eixo pelo qual o escrevente circula, de acordo com Corrêa (2004). Esse terceiro eixo toma como base o fato de que “a circulação pela imagem que o escrevente faz da (sua) escrita caracteriza-se como uma extensão da necessária dialogia estabelecida com outros textos” (CORRÊA, 2004, p.229). Corrêa investiga, desse modo, como o escrevente representa a escrita e como ele lida com as relações escrita/mundo e escrita/fala. O autor trabalha a idéia de que a escrita é um tipo particular de enunciação em que relações com o mundo e com o falado ocorrem no próprio processo de escrever. E é nesse ponto que o discurso, ao estabelecer relações com outro(s) discurso(s), mostra sua vinculação a uma prática social.

Acreditamos que o estudo dos dados expostos neste trabalho pôde demonstrar a complexidade do processo de formação de abreviaturas na internet. Mais do que uma

escrita fonética, idéia que vincula a abreviatura apenas à recuperação do som do vocábulo original, o chamado “internetês” articula regras lingüísticas de diferentes níveis, as quais resultam em abreviaturas constituídas por regularidades lingüísticas, passíveis, portanto, de compreensão e investigação. Mais do que mera redução vocabular, a prática de escrita na internet é resultado da relação radicalmente dialógica entre enunciador – enunciatário – enunciado (escrita). Essa relação é a causa da emergência de uma forma de grafar enunciados constantemente repetidos no gênero em questão.

Referências bibliográficas

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CHAFE, W. L. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D.R. *et al.* (orgs.) *Literacy, language, and learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p.105-123.

CORRÊA, M. L. A. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GNERRE, M. Linguagem, poder e discriminação. In: _____. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.5-34.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____. & XAVIER, A. C. (orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.13-67.